

Botsuana: Educomunicação para a mudança de comportamento em HIV/Aids – o compartilhar da experiência brasileira

Hércules Barros

Maria Rehder

Resumo

Botsuana, na África, foi destino de educadores brasileiros que, movidos pela troca de experiência, pousaram em aquele país no último ano para dar vida a exitosas iniciativas de Educomunicação. Um campo que teve origem nos movimentos populares latino-americanos da década de 60 e agora trilha novos caminhos rumo à conquista dos Objetivos do Milênio para o Desenvolvimento e à Consolidação da Paz no continente africano. A missão: ministrar a formação Educommunication for Development and Behavior Change for HIV/AIDS, uma formação em Educomunicação para o desenvolvimento e para a mudança de comportamento em HIV/aids para mais de 40 participantes de um Workshop, promovido no âmbito da cooperação internacional entre Brasil e Botsuana. A atuação conjunta entre os dois países faz parte de um modelo de cooperação internacional que rompe com a prática tradicional assistencialista unilateral. Denominada como Cooperação Sul-Sul, a iniciativa de países em desenvolvimento prioriza estratégias que enfatizam programas e parcerias que deixem um legado de qualificação e de transferência de tecnologia, além de compartilhar lições em relação à saúde.

Palavras Chaves: Educomunicação, Comunicação, redes sociais, mídias digitais, comunicação em saúde

Vinte e nove de maio de 2012. Depois de quase 15 horas de viagem, dois educadores, técnicos do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde do Brasil chegam a Gaborone, capital de Botsuana, país que fica a 45 minutos de voo de Johannesburgo-África do Sul. A missão: ministrar a formação Educommunication for Development and Behavior Change for HIV/AIDS, uma formação em Educomunicação para o desenvolvimento e para a mudança de comportamento em HIV/aids para mais de 40 participantes de um Workshop, promovido no âmbito da cooperação internacional entre Brasil e Botsuana.

A atuação conjunta entre os dois países faz parte de um modelo de cooperação internacional que rompe com a prática tradicional assistencialista unilateral.

Denominada como Cooperação Sul-Sul, a iniciativa de países em desenvolvimento prioriza estratégias que enfatizam programas e parcerias que deixem

um legado de qualificação e de transferência de tecnologia, além de compartilhar lições em relação à saúde¹.

A mobilização dos dois países, Brasil e Botsuana, foi tida como referência mundial e reconhecida com o prêmio South South Awards, em setembro de 2011, durante a Assembleia Geral das Nações Unidas. Na ocasião, a presidenta Dilma Rousseff e o presidente de Botsuana, Khama Ian Khama, foram homenageados por inovar o processo de colaboração e utilizar a expertise do Brasil no combate à epidemia de aids.

De acordo com o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, a cooperação técnica sul-sul brasileira caracteriza-se pela transferência de conhecimentos, pela ênfase na capacitação de recursos humanos, pelo emprego de mão-de-obra local e pela concepção de projetos que reconheçam as peculiaridades de cada país. Realiza-se com base na solidariedade que marca o relacionamento do Brasil com outros países em desenvolvimento. Fundamenta-se no princípio constitucional da cooperação entre os povos para o progresso da humanidade. Nesse sentido, a cooperação técnica brasileira é livre de condicionalidades e construída a partir da manifestação de interesse de parte dos parceiros (“demand driven”)².

Na programação do evento realizado pelos educadores brasileiros em Botsuana, a troca de experiências em Educação entre os dois países teve destaque. Ao apresentarem o trabalho da ONG brasileira Viração Educação (www.viracao.org), que produz mensalmente uma revista feita ‘por jovens e para jovens’, os educadores e técnicos brasileiros se surpreenderam ao ver que em Botsuana também há um projeto de Educação semelhante, mas com diferentes abordagens em relação à temática do HIV/AIDS. A ONG Makgabaneng (www.makgabaneng.co.bw) também produz uma revista juvenil também feita por jovens e para jovens, além de rádio-dramas e atividades comunitárias. “Promover educação é fazer comunicação”³ FREIRE (1999).

Ao longo da formação, os técnicos brasileiros se preocuparam em multiplicar as metodologias bem-sucedidas brasileiras que podem ser aplicadas em Botsuana para públicos variados. Os participantes puderam ver como, no Brasil, diferentes produtos de comunicação comunitária se tornaram grandes aliados da prevenção ao HIV/AIDS.

Como fazer um Jornal Mural, um Fanzine, criar Grupos no Facebook e até a reflexão

2 O conceito de “demand driven”, neste caso da Cooperação Sul-Sul, consiste na cooperação por demandas e não por imposição. As informações sobre a Cooperação Sul-Sul citadas neste texto foram extraídas no site do Itamaraty:

1

<http://www.itamaraty.gov.br/temas/cooperacao-tecnica/print-nota> (última consulta em 15/10/2013).

3 Na academia, o educador Paulo Freire já havia identificado, nos anos de 1960, o papel centralizador do processo comunicacional na prática do conhecimento.

3 sobre a importância de chamar diferentes públicos para planejar conjuntamente com o Governo uma campanha de comunicação foram alguns dos temas que mais despertaram a atenção dos participantes. “Os trabalhos em Educomunicação têm hoje um papel fundamental em canalizar essas habilidades já evidentes para a produção de mídia de qualidade, marcada pela criatividade, motivação, contextualização de conteúdos, afetividade, cooperação, participação, livre expressão, interatividade e experimentação”, SOARES (2011).

A comunicação via internet foi utilizada para ampliar a troca de conhecimento entre os dois países durante o evento. Direto da periferia de Salvador, na Bahia, o jovem Enderson Araújo falou com os africanos sobre experiências de como leva informação a populações de baixa renda do bairro onde mora. Enderson, que atua com Educomunicação e comunicação comunitária nas redes sociais com o blog Mídia Periférica (<http://midiaperiferica.blogspot.com.br>), deu exemplo das estratégias que usa para chamar a atenção da mídia tradicional para os problemas locais.

De Fortaleza, no Ceará, o professor Augusto Martins participou da oficina por meio de videoconferência. Ele apresentou um passo-a-passo de como interage com a comunidade escolar para promover prevenção à aids usando o computador no interior estado. Augusto coordena um grupo de jovens da região responsável pela difusão de assuntos de saúde por meio da Web Rádio Ajir (www.ajir.com.br). “Agora todos nós nos convertemos em potenciais cidadãos jornalistas que, com pouco equipamento, podem gravar e em seguida pôr nas redes globais o que qualquer um esteja fazendo de errado, seja em que parte for”, CASTELLS (2009).

As palavras do pensador Manuel Castells, analista da era da informação e das sociedades conectadas em rede, retrata bem o poder de mobilização dos integrantes da Web Rádio Ajir. No sertão do Ceará, a três horas de Fortaleza, esses jovens moradores do distrito de Irajá, de cerca de quatro mil habitantes, no município de Hidrolândia, provam que os tempos retratados pelo romance Vidas Secas, de Graciliano Ramos, onde o sertanejo migra para a cidade grande para fugir da exclusão, pode ser realidade do passado. Com sede de conhecimento e acesso à internet na única lan house do vilarejo, o grupo de 40 meninos entre 17 e 26 anos ganha o mundo levando e trazendo informações sobre saúde.

Organizados por meio da Associação dos Jovens de Irajá (Ajir), eles são responsáveis pela web-rádio Ajir com uma programação direcionada a estudantes e jovens. Como canal de comunicação digital, eles usam os sistemas de mensagem e áudio instantâneos

MSN e Skype. As duas ferramentas foram o ponto de partida inicial do projeto de rádio na internet criado em 2007 e que hoje tem um site com mais de 16 mil acessos desde então.

O experimento ganhou força com a adesão do Laboratório de Práticas Coletivas em Saúde (LapracS), vinculado a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do

Ceará (UECE), no ano de 2008. Com uma sala improvisada, professores e universitários do curso de graduação em enfermagem montaram um cenário onde trazem, semanalmente, especialistas e representantes da sociedade civil para interagir com os jovens utilizando um microfone, webcam. As entrevistas se expandiram para bate-papo por meio do computador com participação ao vivo de alunos do ensino fundamental e médio de escolas públicas da capital cearense.

“Essa estrutura toda de comunicação parte toda de um computador da lan house que os meninos usam sem pagar. Em troca eles fazem propaganda de graça para o dono da loja que sai lucrando. É incrível a quantidade de pessoas que acompanham os programas da Ajir”, enaltece o enfermeiro Augusto Martins, professor da UECE e coordenador do projeto. Produzir, postar ideias e gerar maneiras de integração e interação por meio da internet tem sido uma das formas de comunicação mais recorrente com os jovens. A prática vai ao encontro da Educomunicação, que propõe outro modelo de comunicação, onde o receptor se converte em produtor de mensagem, privilegiando a participação de todos no processo de comunicação.

Do outro lado, no continente africano, os participantes da oficina surpreenderam os brasileiros com suas contribuições de prevenção ao HIV em partidas de futebol.

Apresentaram ao baiano Enderson e ao professor Augusto, durante o bate-papo virtual, experiências locais de como Botsuana faz testes de aids em jogos. E a troca de ideia dos participantes da oficina com os educadores brasileiros foi além do bate-bola por Skype.

Durante a elaboração de um plano de prevenção à aids voltado a caminhoneiros em Botsuana, os técnicos do Brasil presentes na oficina sugeriram a busca de parceiros que ajudassem na adesão dos motoristas à estratégia. Na perspectiva da Educomunicação, os públicos podem se converter em produtores de mensagem efetiva, ou melhor, participativa. Empenhados em promover mudanças na categoria, os participantes do evento propuseram visita a profissionais do sexo na periferia de Gaborone. São as mulheres, que moram na área onde se hospedam os motoristas de diversos países da África que estão em trânsito pela capital de Botsuana, que têm maior contato com os caminhoneiros.

A parceria pode beneficiar, inclusive, as próprias profissionais do sexo, pois a rotatividade de parceiros e o sexo desprotegido (sem camisinha) deixam a população local vulnerável à aids. “Elas conhecem melhor os caminhoneiros e vão poder nos ajudar a construir uma campanha que consiga sensibilizá-los para o uso da camisinha”,

observa a coordenadora do encontro, Elizabeth Koko, que trabalha no Departamento de Prevenção e Cuidado ao HIV/Aids do Ministério da Saúde de Botsuana.

Atenta à forma como brasileiros e africanos conduziram o diálogo dos integrantes da oficina com as profissionais do sexo para envolvê-las na construção de mensagens para os caminhoneiros, a diretora do Departamento de Prevenção e Cuidado ao HIV/Aids do Ministério da Saúde de Botsuana, Refeletswe Lebelonyane, ressaltou que não havia pensado em comunicação entre pares e que as profissionais do sexo poderiam ajudar o Ministério de Botsuana a elaborar uma ação para os caminhoneiros. “Foi preciso vocês (brasileiros) virem ao meu país para eu visitar essas mulheres onde elas moram, sentar com elas e, pela primeira vez, tratar sobre a saúde delas e dos caminhoneiros”, observa.

Para Mario Kaplún (1998), a verdadeira comunicação não está no emissor que fala e no receptor que escuta e sim no intercâmbio e compartilhamento de experiências, conhecimento e sentimento.

O trabalho também ganhou destaque em site oficial do Departamento de Prevenção e Cuidado ao HIV/Aids do Ministério da Saúde de Botsuana, acessível por meio dos links:

<http://www.hiv.gov.bw/content/community-mobilisation-and-communicationsstrategies-botswana-and-brazil-exchange> e

<http://www.hiv.gov.bw/content/trainingservice-providers-communication-vulnerable-groups>. Também está publicado na revista "Resposta Positiva - 2012", disponível em versão impressa e digital no site: <http://www.aids.gov.br/publicacao/revista-resposta-positiva-2012>.

Ao fim da capacitação Brasil e Botsuana se propuseram a seguir com a prática horizontal de comunicação preconizada pela Educomunicação na busca de mudança de comportamento para a prevenção do HIV/aids. Como salienta o estudioso Jèsus-Martin Barbero, as mudanças tecnológicas se processam de forma rápida enquanto as mudanças culturais se dão de forma mais demorada. BARBERO (2006) Nesse sentido, a Educomunicação para a mudança de comportamento para a prevenção ao HIV/aids exige um trabalho contínuo e como possibilidade de ampliação da democracia participativa nos processos de educação e comunicação.

REFERÊNCIAS

BARBERO, Jèsus-Martin. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CASTELLS, Manuel. Comunicación y poder. Madri: Editora Alianza Editorial, 2009.

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

KAPLÚN, Mario. Uma pedagogia de la comunicación. Madri: Editora: La Torre, 1998.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação – o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Editora Paulinas, 2011.

